

MIRAÇÕES AYAHUASQUEIRAS, ANALISANDO AS IMAGENS MENTAIS INDUZIDAS PELA INGESTÃO DO CHÁ NO SANTO DAIME E NA BARQUINHA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.289112507032>

Data de aceite: 17/03/2025

Douglas Henrique Gomes

RESUMO: A religiosidade é um fenômeno presente na vida dos brasileiros. Dentre as diversas vertentes que compõem o cenário religioso brasileiro, as religiões ayahuasqueiras, como o Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal vêm ganhando adeptos. Pesquisas apontam que cerca de 567.000 brasileiros já tomaram ayahuasca, logo a chance de alguém contar de uma experiência dentro dessas religiões, em contexto clínico, é grande, exigindo preparo dos psicoterapeutas. Um elemento comum de quem faz uso do chá é a presença das mirações que, neste contexto, são compreendidas como imagens mentais que acontecem enquanto a ayahuasca está fazendo efeito no corpo da pessoa, constituindo a experiência religiosa. Portanto, esse estudo tem como objetivo discutir como o terapeuta Junguiano pode proceder diante dos relatos das mirações, no âmbito clínico. Trata-se de uma pesquisa documental e teórica, pautada nos trabalhos de Marcelo Mercante e Alex Polari que apresentam relatos etnográficos de mirações de pessoas que

utilizam a ayahuasca. As mirações descritas pelos autores foram analisadas utilizando a obra e o método de ampliação proposto por Carl Jung para analisar sonhos. Como resultados percebe-se que as mirações apresentam semelhança com o material onírico, contendo imagens e símbolos ricos capazes de redirecionar a vida das pessoas. Logo, a produção teórica de Jung pode contribuir como forma de entendimento das experiências ayahuasqueiras e seu método é uma ferramenta útil para os terapeutas Junguianos. Assim, sugere-se aos analistas Junguianos que produzam mais ampliações das mirações, para que tornem cada vez mais clara a relação com os sonhos e enriqueça a compreensão desse tipo de experiência. Por fim, nota-se que as experiências com a ayahuasca provocam nas pessoas uma maior conexão com o meio ambiente, no contexto atual de destruição ambiental isso merece destaque.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Analítica, Inconsciente Coletivo, Ayahuasca.

AYAHUASCA VISIONS: ANALYZING THE MENTAL IMAGES INDUCED BY THE INGESTION OF THE TEA IN SANTO DAIME AND BARQUINHA

ABSTRACT: Religiosity is a phenomenon present in the lives of Brazilians. Among the various branches that make up the Brazilian religious landscape, ayahuasca religions, such as Santo Daime, Barquinha, and União do Vegetal, have been gaining followers. Research shows that about 567,000 Brazilians have already consumed ayahuasca, which increases the likelihood of someone sharing an experience from these religions in a clinical context, requiring psychotherapists to be prepared. A common element among those who use the tea is the occurrence of “mirações,” which, in this context, are understood as mental images that occur while ayahuasca is affecting the body, constituting the religious experience. Therefore, this study aims to discuss how Jungian therapists can approach reports of “mirações” in clinical settings. This is a documentary and theoretical research based on the works of Marcelo Mercante and Alex Polari, who present ethnographic accounts of “mirações” from people who use ayahuasca. The “mirações” described by the authors were analyzed using Carl Jung’s work and the amplification method he proposed for analyzing dreams. The results show that “mirações” resemble dream material, containing rich images and symbols capable of redirecting people’s lives. Thus, Jung’s theoretical work can contribute to the understanding of ayahuasca experiences, and his method is a useful tool for Jungian therapists. It is suggested that Jungian analysts produce more amplifications of “mirações” to further clarify their relationship with dreams and enhance the understanding of this type of experience. Lastly, it is noted that ayahuasca experiences promote a greater connection with the environment, which deserves attention in the current context of environmental destruction.

KEYWORDS: Analytical Psychology, Collective Unconscious, Ayahuasca.

MIRACIONES AYAHUASQUEIRAS, ANALIZANDO LAS IMÁGENES MENTALES INDUCIDAS POR LA INGESTIÓN DE TÉ EN SANTO DAIME Y BARQUINHA

RESUMEN: La religiosidad es un fenómeno presente en la vida de los brasileños. Entre los diversos aspectos que componen el panorama religioso brasileño, las religiones de ayahuasca, como Santo Daime, Barquinha y União do Vegetal, han ido ganando adeptos. Las investigaciones muestran que alrededor de 567.000 brasileños ya han tomado ayahuasca, por lo que la posibilidad de que alguien comparta una experiencia dentro de esas religiones, en un contexto clínico, es grande y requiere preparación de los psicoterapeutas. Un elemento común entre quienes utilizan el té es la presencia de mirações que, en este contexto, se entienden como imágenes mentales que ocurren mientras la ayahuasca actúa en el cuerpo de la persona, constituyendo la experiencia religiosa. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo discutir cómo el terapeuta junguiano puede proceder ante informes de visiones, en el contexto clínico. Se trata de una investigación documental y teórica, basada en los trabajos de Marcelo Mercante y Alex Polari, quienes presentan relatos etnográficos de visiones de personas consumidoras de ayahuasca. Las visiones descritas por los autores fueron analizadas utilizando el trabajo y el método de amplificación propuesto por Carl Jung para analizar los sueños. Como resultado, está claro que las visiones son similares al material onírico y contienen ricas imágenes y símbolos capaces de reorientar la vida de las personas. Por lo tanto, la producción teórica de Jung puede contribuir como una forma de comprender

las experiencias de ayahuasca y su método es una herramienta útil para los terapeutas junguianos. Así, se sugiere que los analistas junguianos produzcan más amplificaciones de las visiones, de modo que hagan cada vez más clara la relación con los sueños y enriquezcan la comprensión de este tipo de experiencias. Finalmente, se señala que las experiencias con ayahuasca provocan una mayor conexión en las personas con el medio ambiente, en el contexto actual de destrucción ambiental esto merece ser resaltado.

PALABRAS-CLAVE: Psicología Analítica, Inconsciente Colectivo, Ayahuasca.

INTRODUÇÃO

O número de adeptos das religiões ayahuasqueiras brasileiras, como a União do Vegetal, o Santo Daime e a Barquinha, têm aumentado. Além destes, existem os grupos neo-xamânicos e outros de espiritualidade Nova Era que são totalmente independentes e também fazem o uso do chá da ayahuasca. Pesquisas apontam que cerca de 567.000 brasileiros já tomaram ayahuasca (Bastos e Pinkusfeld, 2017, p. 111). Conseqüentemente, a possibilidade de uma pessoa chegar ao consultório do terapeuta junguiano contando de uma experiência emocionalmente impactante contendo uma miração se torna cada vez maior.

Segundo Almeida (*apud* Labate e Araújo, 2002, p. 15-19) a experiência do chá da ayahuasca integra a vida religiosa dos povos indígenas na América do Sul, é possível encontrar o uso da bebida por diversas etnias encontradas no Brasil, Peru, Equador e Venezuela, além deles no último século nasceram as religiões ayahuasqueiras no território brasileiro. Ao estudar a construção da Psicologia Analítica, aprendemos que Carl Gustav Jung esteve com os indígenas do Novo México e com povos originários no continente africano, mas infelizmente não veio ao nosso país e aos vizinhos, o que nos faz perguntar o que poderia ter acontecido se ele tivesse conhecido os povos que aqui habitavam e faziam o uso da bebida, o que aconteceria se Jung tivesse estudado as mirações ayahuasqueiras.

Este trabalho foi feito como parte da formação em Psicologia Analítica do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa – IJEP. Esse estudo tem como objetivo discutir como o terapeuta Junguiano pode proceder diante dos relatos das mirações, no âmbito clínico. O método de ampliação de imagens proposto por Jung já é comumente empregado na análise de sonhos e obras de arte, a partir disso o utilizaremos para a amplificação das mirações por se tratarem de imagens inconscientes.

Para a realização desse trabalho procurou-se na literatura relatos ricos de mirações, logo as escolhidas foram as que se encaixaram nesse critério. Não existem tantas publicações focadas nas mirações, ainda é um fenômeno pouco analisado, os trabalhos de Mercante (2012) e Polari (1995) foram os que deram atenção para esse elemento da experiência ayahuasqueira.

Foi escolhido que esta seria uma pesquisa qualitativa documental e teórica, pois devido a regras institucionais do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa – IJEP, não é possível fazer pesquisa de campo. Buscou-se por textos que expunham o material desejado e foi feita uma análise profunda do conteúdo, é importante ressaltar que Mercante (2012) e Polari (1995) já apresentam em seus textos uma interpretação da experiência, mas o interesse neste trabalho é a Psicologia Analítica o que levou a pesquisa teórica. A base para análise foram as obras de Carl Jung, foi revisado os seus textos tentando apreender o método de ampliação e aplicar as mirações, além de utilizar as referências mitológicas expostas em suas obras para as análises.

Serão ampliadas quatro mirações de quatro pessoas diferentes, Mestre Irineu e Frei Daniel que serão expostas logo abaixo, essas foram escolhidas devido a sua importância histórica, elas foram decisivas na criação do Santo Daime e da Barquinha. Também foram escolhidas as mirações de Iban e Alex Polari. Iban já era membro fardado da Barquinha e Alex era um militante contra a ditadura que relata em seu livro sua primeira miração, elas foram escolhidas devido a riqueza de detalhes expostas. Foi elegido alguns trechos das mirações desses dois últimos para fazer parte das mirações, o relato completo se encontra em Mercante (2012) e Polari (1995). Será explicado agora os principais conceitos da Psicologia Analítica que serviram de base para a produção deste trabalho.

Para Jung, a psique é um corpo autorregulador, o que quer dizer que existe um processo de equilíbrio entre o consciente e o inconsciente, que tem por objetivo manter a homeostase interna. Nessa perspectiva, o que aparece à consciência, advindo do inconsciente, é revelado nos sonhos devido a essa equilíbrio energética. O analista está sempre observando, em seu paciente, os produtos da movimentação da energia psíquica. Existe uma relação de complementação ou compensação do inconsciente para com a consciência (Jung, 1946/2013, p. 13).

Um processo que impede as pessoas de entrarem em contato com o inconsciente é o bloqueio que a consciência faz dos conteúdos do inconsciente. No processo de formação de qualquer pessoa vai acontecendo uma seleção do que pode existir no campo da consciência. Essa separação tem a ver com o que a criança foi entendendo que poderia apresentar por influência dos pais. Logo, no inconsciente pessoal há essencialmente esses conteúdos que já foram conscientes, mas que foram reprimidos e esquecidos (Jung, 1946/2013, p. 13). Pela teoria junguiana, quanto mais a consciência não quer olhar para o inconsciente, mais pressão ele fará.

Na perspectiva de Jung (1946/2013, p. 310. Grifos do autor), “a psique é a entidade real em supremo grau, porque é a única realidade imediata. É nesta realidade, a *realidade do psíquico* que o psicólogo pode se apoiar”. A psique experimenta a realidade por meio das imagens psíquicas, e os sentidos humanos, sejam eles quais forem, capturam as influências do mundo formando imagens que aparecem à consciência (Jung, 1946/2013, p. 310). O linguajar da psique é imagético. Como a psique é a única realidade acessível do analista e ela trabalha dessa forma, é preciso dar atenção para essas imagens. Para Jung,

A imagem é uma expressão concentrada da situação psíquica como um todo e não simplesmente ou sobretudo dos conteúdos inconscientes. É certamente expressão de conteúdos inconscientes, não de todos os conteúdos em geral, mas apenas os momentaneamente constelados. [...] A imagem é, portanto, expressão da situação momentânea, tanto inconsciente quanto consciente. Não se pode, pois, interpretar seu sentido só a partir da consciência ou só do inconsciente, mas apenas a partir da sua relação recíproca. (Jung, 1921/2013, p. 829)

Para a Psicologia Analítica, o consciente e inconsciente trabalham por meio das imagens, sejam elas pessoais, quando se referem a conteúdos subjetivos ou influenciados pelo ambiente, ou impessoais, quando se referem aos conteúdos arquetípicos. Para Jung (1921/2013) os símbolos são os responsáveis por direcionar a energia psíquica das pessoas. Uma pessoa unilateralizada na consciência tende a reprimir os conteúdos inconscientes, e ao longo do tempo isso vai produzindo o aumento da tensão. Frente a esse impasse, o inconsciente, então, agiria de maneira indireta, produzindo símbolos que só seriam compreendidos levando em conta as atitudes conscientes e inconscientes (Jung, 1946/2013, p. 120-121). Um símbolo é produzido pelo inconsciente como terceira via em resposta às polarizações desses dois campos da psique. O símbolo tem a capacidade de unir as partes sem a perda de nenhuma delas, ou, colocando em outras palavras, sem a perda de imagens, sejam conscientes ou inconscientes. Os símbolos se apresentam de maneira irracional e não compreensível para a consciência, o que exige desta uma atenção especial, pois algo novo se apresenta.

O estudo das imagens produzidas pelo inconsciente por meio de sonhos, pinturas, trabalhos artísticos, é uma das habilidades da Psicologia Junguiana. A ingestão do chá da ayahuasca parece produzir um efeito semelhante. A bebida é feita normalmente a partir de duas plantas, o cipó *Banisteriopsis caapi*, que possui alcaloides Beta-carbolina, harmalina, tetrahydroharmina e harmalina, que têm a capacidade de inibir a monoaminoxidase (MAO), e as folhas da *Psychotria Viridis*, que possui o alucinógeno N, N-dimetiltriptamina (DMT), este podendo ser encontrado além de plantas, na urina, sangue e fluido cérebro-espinhal nos humanos (Santos, Moraes, Holanda, 2006, p. 363). Existem outras combinações devido à variedade de plantas que possuem essas mesmas substâncias, e também a possibilidade de inserção de mais plantas de acordo com os objetivos. O DMT, quando ingerido isoladamente, não tem a capacidade de ação, pois existe uma enzima no nosso estômago e nos neurônios que decompõe a MAO, só que quando combinada com a Beta-carbolina é possível sentir os efeitos.

O DMT tem uma estrutura molecular parecida com a da serotonina. É similar devido ao fato de o DMT ser da mesma família química que ela. Sua ação é parecida a outra substância com capacidade alucinógena, a dietilamida do ácido lisérgico (LSD). A serotonina é presente em todas as regiões do cérebro, do tronco cerebral até o córtex pré-frontal, de acordo com Mercante (2012, p. 28) ela “está relacionada ao controle de humor, ansiedade, medo, depressão e desordens distímicas”.

Winkelman possui um estudo que relaciona as substâncias psicoativas que bloqueiam a ação da serotonina com vivências emocionalmente impactantes (*apud* Mercante, p. 30). O bloqueio dos receptores de serotonina produz descargas que passam simultaneamente pelo hipocampo, septo-reticular, células da rafe, lobo temporal no sistema límbico, córtex frontal, de maneira sincronizada, que é o contrário do funcionamento padrão, o que provoca geralmente o sentimento de êxtase.

Não existe um estudo que demonstre como a ayahuasca produz imagens mentais, mas existem alguns sobre LSD e meditação. Uma imagem visual é produzida por um conjunto de áreas no lobo occipital, essa região pode ser ativada quando uma pessoa olha para algo ou quando recupera uma memória (Mercante, 2012, p. 30). As imagens estimuladas por psicoativos são uma produção interna, não tendo relação com o ambiente externo, logo, se a substância acionar o lobo occipital, este se comunicará com o lobo temporal, responsável pelas imagens visuais.

Será explicitado agora a parte histórica e os elementos principais da religião do Santo Daime e da Barquinha. Raimundo Irineu Serra (1892-1971) foi um maranhense que migrou para o Acre em 1912. Mestre Irineu, como ficou conhecido, bebeu ayahuasca a primeira vez com indígenas ayahuasqueiros bolivianos na fronteira com o Acre, e lá escutou uma voz que mandava que passasse oito dias no meio da mata só comendo macaxeira, sem ver nenhuma mulher e bebendo ayahuasca. Ao seguir as recomendações, ele teve uma miração: era uma mulher muito bela sentada na lua, que dizia que ninguém havia visto nada igual, somente ele, era a Rainha da Floresta ou a Virgem da Conceição. Ela repassou ensinamentos e o declarou o chefe do império de Juramidam, a partir daí ele criou a religião do Santo Daime (Labate, 2004, p. 61).

Sebastião Mota de Melo (1920-1990) foi um amazonense que foi morar perto da cidade de Rio Branco com sua esposa em 1959. A procura de cura, ele começa a tomar ayahuasca no Santo Daime. Sebastião já incorporava espíritos ligados ao Kardecismo antes de conhecer Mestre Irineu. Padrinho Sebastião, como ficou conhecido, era uma figura importante dentro do Santo Daime, o que lhe deu possibilidade de fazer sua própria ayahuasca, autorização dada por Mestre Irineu. Com o falecimento de Irineu, Sebastião se desentende com Leôncio Gomes da Silva, sucessor do Mestre, e cria o Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS). O CEFLURIS se considera parte do Santo Daime, mas com uma diferença importante, ele é expansionista, o que faz com que ele se encontre em diversos estados brasileiros e países pelo mundo (Labate, 2004, p. 62). Para organização do texto será adotada a seguinte referência: quando for falar da linha do Mestre Irineu, será Santo Daime, quando for a linha de Padrinho Sebastião, CEFLURIS.

Daniel Pereira de Mattos (1888-1958) foi um maranhense que se alojou no Acre prestando serviço à Marinha. Era conhecido por sua boemia, mas isso o levou a ficar doente, fazendo com que procurasse Mestre Irineu para curá-lo. Em 1945, Daniel teve uma miração em que recebia um livro azul das mãos de anjos, e, após isso, recebeu salmos que depois fariam parte da Barquinha, religião que seguiu seus ensinamentos (Mercante, 2012, p. 71-72). No primeiro momento, Frei Daniel, como ficou conhecido, conseguia o Daime com Mestre Irineu, mas depois este o incentivou a seguir sua própria missão.

Na Barquinha, os membros que tiveram contato com Frei Daniel e Mestre Irineu entendem que sua religião é uma extensão do Santo Daime, dada a relação entre os membros fundadores. Já aqueles que chegaram depois na religião pensam o contrário, devido às diferenças nos rituais. Uma diferença importante é que na Barquinha é permitida a mediunidade, já no Santo Daime, não.

Segundo Araújo (*apud* Mercante, 2012, p. 41), Barquinha é uma metáfora com dois significados, uma que é a missão de Daniel, e outra que é compreender todas as pessoas como marinheiros navegando na jornada da vida. Na Barquinha existem três campos espirituais, são divisões que têm espíritos que atuam especificamente em cada uma: são a Terra, o Céu e o Mar. O fenômeno da incorporação é comum, a Barquinha demonstra um sincretismo entre espiritualidade afro-brasileira, espiritismo kardecista, catolicismo e pajelança. Então, os espíritos que trabalham com os médiuns vão desde pretos velhos, passando por encantados, bispos e padres.

O ritual normalmente começa com um salmo cantado e o chamamento das entidades para trabalharem, no centro há uma mesa onde os médiuns sentam e os visitantes ficam em volta. Os filiados também usam uma farda, mas esta se parece mais com uma roupa de marinheiro, devido à história de Daniel.

Após a ingestão da bebida, é possível perceber que começou a fazer efeito pela presença de dois elementos que os daimistas definem como Força e Miração. A primeira se refere a ayahuasca fazendo-se sentir no corpo, e a segunda são visões que as pessoas têm. Em todos os rituais as mirações tem um lugar importante. Mercante (2012, p. 43) define miração como “imagem mental espontânea”, por mental está se referindo a mente, não a algo intelectual e lógico, continuando a explicação:

De acordo com o universo conceitual da Barquinha, a miração está relacionada com as experiências visionárias durante o ritual. Envolve, contudo, também outras modalidades perceptivas, como sons, sabores ou odores; mesmo quando a miração não se restringe ao seu aspecto visionário, este são, em geral, os elementos mais intensos. A miração é, normalmente, uma experiência muito emotiva, a experiência mais aguardada; é o momento em que se recebem os ensinamentos de seres espirituais, fonte de conhecimento e de autotransformação. A miração é o auge da experiência extática, de grande poder introspectivo, que desempenha um papel central no ritual e muitas vezes atinge um status de revelação. É um veículo de transcendência por excelência. (Mercante, 2012, p. 43)

A miração é um processo que a pessoa tem relativo controle, pois ela vem de maneira espontânea, depois de iniciada a pessoa pode decidir interagir com aquelas imagens presentes, mas ela não consegue ter liberdade total nessa vivência. Na Barquinha há o entendimento que a miração tem relação com o merecimento, e quem procura desenvolvimento com autoconhecimento e trabalho espiritual tem mais chances de ter uma miração positiva.

DISCUSSÃO

Para a presente análise, parte-se do princípio que as mirações são produtos inconscientes parecidos com os sonhos, isso devido às suas similaridades. As semelhanças estão principalmente nas características fantasiosas. É bom lembrar que fantasia para Jung não tem o sentido do senso comum, encarado como algo mentiroso. Para o criador da Psicologia Analítica (2015, p. 108. Grifos do autor) “*é verdadeiro aquilo que atua*”, logo, aquilo que é vivido pela pessoa é sua realidade. Para Jung (1912/2013, p. 368), o linguajar do inconsciente são as fantasias, sendo assim as mirações são um tipo de fantasia inconsciente.

O critério para saber se o conteúdo é do inconsciente pessoal ou coletivo é perceber se aquelas imagens remetem a figuras da vida daquelas pessoas. Infelizmente não foram encontradas as biografias, logo não é possível saber se as mirações se conectam a vivências dos ayahuasqueiros. Sendo assim, serão tratadas como algo mesclado entre essas duas áreas da psique. É importante salientar que, geralmente, para ter acesso a imagens arquetípicas, é necessário que a energia psíquica faça uma regressão que ultrapasse o tempo da infância (Jung, 1917/2014, p. 89). A ayahuasca parece ter a capacidade de fazer isso.

Em todas as mirações, algum tipo de mensagem foi compreendida pela pessoa. A figura que traz as mensagens do inconsciente, Jung chamou de psicopompo, guia das almas (Jung, 1954/2014, p. 46). O grande psicopompo da mitologia grega e dos alquimistas é Hermes, visto como mensageiro dos deuses e como condutor para a realização de grandes tarefas (Jung, 1954/2014, p. 137). Sobre Hermes, Junito de Souza Brandão (1987) escrevem:

(...) conhecedor dos caminhos e das encruzilhadas, não se perdendo nas trevas e sobretudo podendo circular livremente nos três níveis, o filho Maia acabou por ser um deus psicopompo, quer dizer, um condutor de almas, tanto no nível telúrico para o ctônico quando deste para aquele: numa variante do mito, foi ele quem trouxe Hades para luz a Perséfone e Eurídice. (Brandão, 1987, p. 194)

Uma das imagens que aparecem carregando o mesmo sentido que psicopompo é o Barco na miração de Iban. Esse símbolo normalmente fica associado à ideia de travessia, está relatado assim na miração “espíritos e gênios da natureza projetavam-se em direção a esse barco tentando alcançá-lo” (Mercante, 2012, p. 134). O que será que Iban estava tentando alcançar nessa travessia? Questionando o próprio Iban, o que será que os espíritos e gênios diriam se conseguisse Ihe alcançar? Recorrendo novamente a Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 468), o verbete gênio diz que “ele simboliza a centelha de luz que escapa a todo controle e que engendra a convicção mais íntima e mais forte.” Parece que algo que está inconsciente quer iluminar a vida de Iban, alguma coisa quer trazer uma ideia forte para ele, levando em consideração a compreensão da compensação entre consciente e inconsciente. Provavelmente Iban está passeando por momentos de insegurança em seu íntimo, e dar ouvidos aos gênios podem Ihe ajudar.

Algo em comum entre a miração de Iban e Alex é a presença de luzes, “Algo como uma espécie de cata-vento, era algum ser, ou melhor, eram vários seres...e esses cata-ventos irradiavam muita luz”, (Mercante, 2012, p. 134) “vi que saíam pequenos feixes de luz, como se desprendendo do barco e alcançando voo” (Mercante, 2012, p. 134), “Vejo uma luz dourada crescer do lado do Cruzeiro, numa intensidade tal que tenho a impressão que ficarei cego se olhá-la totalmente de frente” (Polari, 1995, p. 55). Para a Psicologia Analítica, uma das formas de se compreender a aparição de luzes em sonhos é entendê-la como a presença da consciência, esta normalmente fica associada a fenômenos luminosos, logo, a escuridão fica associada ao inconsciente (Jung, 1946/2013). Se algo estava sendo iluminado, algo estava na escuridão, é como se a luz chamasse a consciência para prestar a atenção em alguma imagem. A luz está perto do Cruzeiro, que, segundo Chas afirma, é o mais totalizante dos símbolos (*apud* Chevalier e Gheerbrant, 2001, p. 309), pois mostra a comunicação do céu com a terra, e na intercessão dos cruzamentos a união entre essas dimensões. Se a psique faz essa cruz ficar visível para Iban, algum significado importante existe.

A ayahuasca parece se comportar como um psicopompo, já que conduz a pessoa para um lugar onde elas encontram outros seres. Nessa vivência aprende-se algo, o que produz uma mudança de atitude na pessoa, que remete ao que Jung denominou de metanoia, mudar de mente (Jung, 1951/2013, p. 228). A ideia que se pode aprender algo com as plantas é comum em povos indígenas brasileiros. Para eles uma planta não é só uma planta, ela possui algo como se fosse uma alma, o que provoca uma relação de mais respeito e profundidade com a vegetação. A ayahuasca está na categoria de plantas mestras, segundo Luna (*apud* Narby e Pizuri, 2022, p. 43), “essas plantas são capazes de ‘ensinar-lhes como diagnosticar e curar doenças, como efetuar outras tarefas xamânicas, geralmente através de melodias mágicas chamadas de ícaros, e como utilizar medicinais”.

A comparação do conceito de psicopompo com a bebida é devido à similaridade do comportamento entre ambos. Daniel, por exemplo, recebe das mãos de anjos o livro com a cor azul, e na Bíblia encontramos passagens onde os anjos têm a mesma atitude. No Evangelho de Lucas (Bíblia, Lc.1,19) “respondeu-lhe o Anjo: eu sou Gabriel; assisto diante de Deus e fui enviado para anunciar-te essa boa nova”. O anjo apareceu para Zacarias informando que sua esposa ficará grávida de João Batista, ou na conhecida passagem que Maria recebe a mensagem que ficará grávida:

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada de Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: Alegra-te, cheia de graça, o senhor está contigo! Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, porém, acrescentou: Não temas, Maria! Encontrei graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus. (Bíblia, Lc, 1, 26-31)

Pode-se perceber que os anjos aparecem para comunicar algo que irá transformar a vida de quem está recebendo a mensagem. Nas situações apresentadas, a aparição de um anjo diz que um filho irá nascer, e no caso de Daniel uma religião nasceu. A alma e os psicopompos podem estar ligados, segundo Jung (1954/2014, p. 38): “essa alma pode aparecer como um anjo de luz, como psicopompos, e conduzi-lo até o significado mais alto, como sabemos pelo Fausto. ”

Na miração de Mestre Irineu ele encontra uma figura feminina que lhe passa uma missão, dar vida ao império de Juramidan. É pela alma que se tem acesso à realidade espiritual (Jung, 1954/2014, p. 36). Alma vem de alma, e Jung vai afirmar que “um ser que tem alma é um ser vivo. Alma é o que vive no homem, aquilo que vive por si só gera vida; por isso Deus insuflou em Adão um sopro vivo a fim de que tivesse vida” (Jung, 1954/2014, p. 35). O contato de Irineu com uma imagem da alma mudou completamente sua vida, o homem simples do maranhão criou uma religião com milhares de seguidores. A miração de Irineu é o seu encontro com a Virgem da Conceição, sendo um dos nomes da Maria, mãe de Jesus. Essa imagem da alma traz em si o materno que cuida até que o filho esteja preparado. Rainha da Floresta seria um outro nome para ayahuasca, ou seja, Irineu, portanto encontrou com o próprio espírito da bebida (Alves Junior, 2007).

Já no caso de Frei Daniel, chama a atenção o fato do livro ter a cor azul. Segundo Jung (1946/2013, p. 161), esta cor “é a chamada cor ‘mística’, normalmente associada a fatos espirituais”. Iban diz que “Tudo estava envolto numa mistura de azul profundo, fosco e ao mesmo tempo ‘veludo’, Vi que, de repente, estava eu como dentro de um grande oceano” (Mercante, 2012, p. 134). É comum a água ser representada como contato com a profundidade, renascimento retratando o próprio inconsciente (Jung, 1912/2013, p. 456). Ampliando os mitos sobre a vinda do Messias, Jung (1951/2013, p. 129) irá dizer que este foi arrebatado para o mar, que significa o mesmo que ir para o inconsciente. Depois do oceano, Iban diz que, “a minha volta e vi que estava num local que era como uma espécie de ‘universo’” (Mercante, 2012, p. 134), na mitologia yorubá existe um mito que relaciona o mar e o universo:

Olodumare-olofim vivia só no Infinito, cercado apenas de fogo, chamas e vapores, onde quase nem podia caminhar. Cansado desse seu universo tenebroso, cansado de não ter com quem falar, cansado de não ter com quem brigar, decidiu pôr fim àquela situação. Libertou as suas forças e a violência delas fez jorrar uma tormenta de águas. As águas debateram-se com rochas que nasciam e abriram no chão profundas e grandes cavidades. A água encheu as fendas ocas, fazendo-se os mares e oceanos, em cujas profundezas Olocum foi habitar. Do que sobrou da inundação se fez a terra. Na superfície do mar, junto à terra, ali tomou seu reino Iemanjá, com suas algas e estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas, madrepérolas [...]. (Prandi, 2001, p. 380).

Seja no mar ou no universo, Iban está passeando pelas imagens do inconsciente. A mitologia yorubá é marcada pela interação de seus Deuses, ao contrário da mitologia judaica cristã, pois em Gênesis (Bíblia, Gn, 1, 6) “Deus disse: Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas, e assim Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento”. Pode-se perceber que nessa perspectiva há a centralização do poder em um ser único. O mito judaico cristão narra a definição e separação entre os reinos, já o yorubá mostra um Deus a procura de companhia. Sua criação gera uma outra deusa que possui muita vida em si, e esse mito parece se ligar de maneira mais óbvia à miração, pois Iban encontra muito seres no mar/universo.

Já para uma das etnias que usam a ayahuasca, os Baniwa, que vivem na fronteira entre o Brasil, Colômbia e Venezuela, o mito do nascimento do mundo conta que Nhiãperikuli, o criador e transformador, usou o pariká, um tipo de rapé indígena com poder alucinógeno para conseguir ver. Esse é um mito diferente dos outros apresentados, que mostra o lugar do uso ritualístico de plantas para esse povo, com o poder de mostrar a verdade e fazer contato com o outro mundo (Almeida *apud* Labate e Araújo, 2002, p. 17).

O contato com outros mundos e espíritos parece ser algo comum nas experiências de trabalhos de ayahuasca, sendo que Iban em sua miração diz “eram os espíritos dos irmãos que se lançavam na imensidão como exploradores daquele ‘mundo’” (Mercante, 2012, p. 135). Dentro das religiões judaico cristãs é proibido o contato com os espíritos: Levítico (Bíblia, Lev. 19, ver. 31) “não vos voltareis para os necromantes nem consultareis os adivinhos, pois eles vos contaminariam”. Ao contrário do que outra religião presente no Brasil prega, para o Espiritismo o contato é natural e estimulado.

Para os Kaxinawá, o mundo é permeado de yuxin, que é entendido como uma força vital que habita todos os seres. Ao usar a bebida, a pessoa consegue ver essa energia, os estados alterados possibilitam ver o outro lado da realidade e interagir com eles, seja com os antepassados mortos, ou mesmo os encantados, que são uma espécie de entidades que habitam as florestas. Iban consegue ver um desses encantados, no caso uma sereia “mas sabia que naquele universo havia milhares desses seres. Sereias, rostos, luz...mas tudo velado” (Mercante, 2012, p. 134). Para outra etnia, os Yaminawa, o contato com os espíritos possibilita também que o corpo dos xamãs seja usado pelos espíritos para realizar rituais ou até cantar. Os rostos velados passam a ideia que Iban ainda não consegue ver todos os seres que o habitam, outras visitas ao seu inconsciente serão necessárias, mas mesmo assim eram milhares, sua jornada tem um longo caminho pela frente. Uma miração desse tipo parece se encaixar em alguém que só olha para fora, e o inconsciente se comportando de maneira opositora à atitude egóica parece querer mostrar que ele tem muita coisa interna para enxergar. Vale ressaltar que para essas duas etnias a ayahuasca possibilita o contato com o mundo espiritual da mesma forma que os sonhos, sendo a única diferença que no caso dos rituais a pessoa tem mais controle sobre o que acontece.

Jung (1946/2013, p. 254) já havia percebido esse entendimento entre os povos primitivos. Para ele, esses seres que se apresentam nos sonhos são os complexos, o que logo permite a realização de um paralelo para dizer que as figuras nas mirações também são. Levando essa compreensão para as espiritualidades citadas no parágrafo anterior, pode-se pensar que o espiritismo estimula, assim como os Kaxinawá e Yaminawa, o diálogo com os complexos, com as forças que pressionam ou por vezes tomam o lugar da consciência. É bom lembrar que Jung (1946/2013, p. 275) afirmava que era um empirista e não um metafísico, o que significa que as afirmações de sua psicologia não excluem as concepções religiosas espirituais, apenas se sustentam sob outro viés. Voltando às mirações, pode-se conectar outro trecho da obra junguiana ao objeto analisado.

Alex Polari em sua miração diz que “de algo que eu já vira. Em algum eu já fora parte desse peso da floresta, eu trazia em mim milhões de anos da evolução humana que agora desfilavam ante meus próprios olhos como fotogramas vivos” (Polari, 1995, p. 54). Isso nos remete a uma fala de Jung (1912/2013, p. 210) “o inconsciente consiste, entre outros, dos “resíduos” da psique arcaica indiferenciada, inclusive dos estágios prévios na animalidade”. A conexão das duas passagens é clara, a experiência de Polari produz nele uma profunda conexão com a floresta, o que remete à cosmologia Kaxinawá, pois eles entendem que existe uma igualdade entre os seres, todos provendo da natureza, sejam humanos, vegetais e animais. Uma possibilidade se abre dentro dessa experiência: o ego que tende a achar-se senhor dentro da psique percebesse somente como mais um integrante.

Continuando no relato de Alex Polari, em um dado momento, “Meu corpo virou cipó de jagube e eu senti a sua seiva como sendo minha. Eu era o cipó, num segundo, ele virou uma cobra e ela engolia meu corpo. ” (Polari, 1995, p. 55). Esse trecho remete ao que Jung chamou de *participation mystique*, conceito este que foi cunhado pelo antropólogo Lévy-Bruhl, com o qual ele descreve um fenômeno em que não há mais a separação entre a pessoa e o objeto, o ego parece perder sua capacidade de diferenciação do mundo externo e do mundo interno. Para a Psicologia Analítica, esse é um momento que deve-se ter cuidado, pois o acesso completo do inconsciente para o ego seria igual uma psicose. Nessa situação específica, algo de tão grave não aconteceu, mas é algo a ser prestado atenção.

A cobra é um símbolo muito comum em diversas religiões, dentro do cristianismo a serpente simboliza o adversário de Deus. Discordando em partes dessa visão, Jung afirma que a fórmula do inconsciente é quaternária, logo isso coloca a Trindade, Deus Pai, Filho e Espírito Santo incompleta, adicionando o Diabo ficaria completa (Jung, 1940/2012, p. 78). No verbete sobre o símbolo da serpente de Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 815) pode-se encontrar alguns significados, “a serpente não apresenta, portanto, um arquétipo, mas um complexo de arquétipos ligado à noite fria, pegajosa e subterrânea das origens”. Este símbolo também é encontrado no Tantra, a serpente fica enrolada na base da coluna onde se encontra um dos chakras.

Entre os Kaxinawá existe um mito na qual o cipó de onde é preparado a ayahuasca nasceu após o ancião de sua tribo falecer, e do lugar de onde estava enterrado, nasceram quatro cipós que, quando consumidos, produziram a miração, cada um deles possuindo uma cor diferente. Conta o mito que havia duas comunidades que moravam próximas, mas, após um desentendimento entre elas, o cipó foi a chave que ajudou a resolver o problema. Outro mito Kaxinawá conta de uma criança que foi sequestrada por uma cobra. Juntos eles caçaram durante dias, e a cobra ensinou ao garoto o segredo da caça e o devolveu para a família, mas lhe pediu para não contar sobre como tinha ensinado. Após algum tempo, esse garoto não consegue mais guardar o segredo o que lhe faz perder a habilidade de caçar (Do Acre, 2000, p. 151).

Segundo Luz (*apud* Labate E Araújo, 2002, p. 40) “a visão de cobras engolindo aquele que tomou a bebida é um motivo recorrente na primeira vez que se utiliza a *Banisteriopsis caapi*”. Para este povo, os símbolos presentes na miração são associados à mudança, ganho de inteligência. Polari foi engolido assim como tantos outros na sua primeira experiência com o chá. O que ele ganhou dessa cobra não se sabe, logo em seguida parece que ele deixa a nave, isso dá a entender que é como se seu ego estivesse voltando da viagem pelo inconsciente. Seja em qualquer um dos mitos, se encontrar uma cobra a pessoa sairá transformada.

Voltando a analisar a experiência de Alex Polari, o integrante do CEFLURIS parece ter experienciado um fragmento de sua sombra, “Pedi perdão pelo meu orgulho e tudo serenou” (Polari, 1995, p. 53). Jung (2014, p. 29) vai fazer uma observação importante sobre aqueles que se dispõem a sair das máscaras, “o encontro consigo mesmo pertence às coisas desagradáveis que evitamos, enquanto pudermos projetar o negativo a nossa vida.” E Jung (1951/2013, p. 19) esclarece que a “tomada de consciência da sombra trata-se de reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade”.

Um pouco antes de se arrepender de seu orgulho, Alex se viu num trono sendo homenageado pela ayahuasca. A partir dessa imagem podemos entender que a bebida tem poder de mostrar os desejos mais sombrios, ou seja, uma miração pode levar a pessoa a visualizar de maneira escancarada suas questões, levando-a a conscientização imediata. Em suas reflexões, Jung observava a resistência das pessoas em reconhecer suas sombras. Um ritual de ayahuasca parece colocar a pessoa dentro da sombra, para vivenciar por completo aquela característica. Nesse momento é importante fazer a observação sobre a capacidade das pessoas de lidarem com suas sombras. Talvez alguém que não tenha uma história de procura por autoconhecimento e desenvolvimento pessoal não aguarde tal experiência. Nos trechos expostos acima sobre a Sombra, Jung deixa claro que é necessariamente desagradável o caminho da individuação, mas há de se ponderar o momento oportuno de ter essas experiências.

Alex Polari parece ter encontrado outra figura descrita como um dos arquétipos descritos por Jung, segue as falas dele:

“Primeiro, de relance, como uma presença de contornos indefinidos. Depois, o rosto; ora velho e enrugado como se acabasse de sair de um sarcófago, ora novo e cheio de viço a me pensar com ironia. Cada vez que eu piscava ele aparecia de uma ou de outra forma. Sentia-me como materialização do pensamento daquele ser, que eu sentiria e me comportaria segundo ele “me pensasse” [...]Minha comunicação com ele era telepática. Ia sendo obrigado a representar as projeções que ele fazia de mim. Ele me parecia uma existência concreta muito mais do que eu, uma mera criação melhorada de um poder incompreensível”. (Polari, 1995, p. 52)

Para Jung (1954/2014, p. 46) “o mago é sinônimo do velho sábio, que remonta diretamente a figura do xamã, na sociedade primitiva. Como a alma, ele é um daimon imortal que penetra com luz do sentido a obscuridade caótica da vida”. O tom de assombro de Alex mostra o poder desse encontro, a vivência deste momento coloca o ayahuasqueiro diante de uma força infinitamente maior, como se ele fosse simplesmente um produto do Inca. O velho Sábio aparece nos contos ou nos sonhos para ajudar o Herói em um momento em que este parece não encontrar saída para os seus problemas. O Inca conduziu Alex Polari por meio de sua nave levando-o a mirar, caminhar pelos círculos de luzes.

Pode-se perceber por meio das fantasias dessas pessoas o contato com várias figuras que Jung observa nos sonhos: o arquétipo da sombra, alma e velho sábio. Para essa tríade ficar completa, seria necessário analisar o inconsciente de uma mulher, pois aí apareceria o animus. Isso demonstra a ligação entre as produções oníricas e as mirações, as figuras inconscientes sendo as mesmas.

O contato com o inconsciente produzido pela ayahuasca fez com que as pessoas encontrassem luzes, caminhos e confrontos, o que pode possibilitar uma mudança de vida profunda. A partir dessa ampliação pode-se salientar que o inconsciente sempre tem algo a falar. No caso das imagens analisadas, algo de precioso queria ou foi entregue.

CONCLUSÃO

Fica demonstrada a rica possibilidade de se debruçar sobre os principais conceitos da Psicologia Junguiana e as mirações ayahuasqueiras. As figuras que aparecem nos sonhos apresentam uma expressão semelhante com as mirações. Pela produção desse trabalho chegou-se à percepção que os produtos da experiência com o chá podem render muitas análises, já que as fantasias e os impactos subjetivos produzem contato com a riqueza inconsciente.

O método de ampliação utilizado na análise de sonhos também pode ser aplicado às mirações, entendendo-as como produtos inconscientes. Frente a um cliente que lhe conte tal experiência, o terapeuta deverá inspirar-se em toda literatura da Psicologia Analítica e, fazendo como Jung, ampliar a imagem que lhe é contada. Para os analistas junguianos, este trabalho serve como esboço para que outros profissionais tenham por base como proceder diante de um cliente que lhe traga essa experiência. As mirações parecem mostrar as mesmas ligações simbólicas com as mitologias e as figuras arquetípicas que Jung nomeou. Isso reforça a importância do conhecimento profundo dessa psicologia, assim como o estudo de religiões comparadas e mitologias.

A Psicologia Analítica se apresenta com as ferramentas necessárias para investigar tais experiências, ao contrário de outras abordagens. Ir para além do significado literal dos símbolos fornece a capacidade de entrar nos segredos da psique, o que é muito precioso para qualquer análise. Vale ressaltar que o acesso à mitologia indígena brasileira fez diferença na ampliação da miração. De alguma forma ela parece se relacionar de maneira mais objetiva ao que acontece em um ritual, e ler sobre as histórias dos povos originários que aqui habitam foi uma oportunidade de conhecer as raízes apagadas pela colonização.

Todas as imagens nas mirações parecem colocar as pessoas frente às suas imagens inconscientes. Parecia que elas se viam frente a algo que lhes dava um sentimento de grandeza e desconhecido, com uma sensação de contato com algo que vai além delas. A experiência é de tal forma significativa que provoca em três das quatro pessoas, Irineu, Daniel e Alex Polari, que se convertam no sentido próprio da palavra, ou seja, mudam de direção, entendem verdadeiramente que tiveram uma experiência sagrada. Outra forma de compreender a vivência deles é se referindo ao termo metanoia, em uma sociedade massificada produz-se pessoas alienadas, o comum é ignorar os incômodos internos, isso faz com que lugares que produzem contato consigo mesmo tem grande valor. Para a metanoia acontecer a pessoa precisa se confrontar, pois só assim poderá mudar seu pensamento ou direção de vida.

Outra reflexão que fica deste trabalho é que pelas experiências analisadas é possível por meio dos rituais a pessoa se perceber conectada ao planeta. A evolução das sociedades parece ter desconectado o ser humano dos outros animais e da natureza em si, mas essa ignorância está cobrando um preço nos dias atuais, o aumento da temperatura e o possível colapso climático alertado por especialistas estão no horizonte. Fazer ritual tomando chá produzido por plantas se sentindo pertencente a toda vida na Terra pode fazer com que as pessoas se conscientizem de suas responsabilidades perante o futuro da humanidade.

Uma característica diferente entre os sonhos e as mirações que apareceram nas análises, é que nas vivências ayahuasqueiras as pessoas podem chegar a percepções durante o efeito do chá, ao contrário do sonho, em que normalmente a pessoa ou não o entende ou precisa de um analista para ajudar. Hoje é possível encontrar a bebida participando de religiões organizadas ou rituais indígenas, sendo que das duas formas a pessoa pode acessar o seu inconsciente. O acesso a essas imagens por estes meios resgata a capacidade natural do ser humano de encontrar as forças que o impulsiona. Seja nas religiões, ou com os indígenas, existe uma ritualística preparada para isso. Para aqueles que se negam a olhar para os próprios sonhos, participar desses espaços é uma oportunidade de sair da unilateralização da consciência.

É importante lembrar que a Psicologia Analítica é uma resposta para a unilateralização do campo da consciência, do racional e material. Após décadas desde o falecimento de Jung, esse processo se intensificou ainda mais, mas ao mesmo tempo no território brasileiro, como se fosse uma compensação, nascem as religiões ayahuasqueiras. No século XX nascem o Santo Daime na década de 20, a Barquinha na década de 40 e a União do Vegetal na década de 60.

Por fim, a ayahuasca se encaixa dentro do grupo de substâncias psicodélicas, juntamente com outras plantas e drogas produzidas em laboratório, todas elas parecendo fazer com que o ego entre em contato com fantasias produzidas pelo inconsciente. Sendo assim, o método de ampliação feito com as mirações pode ser utilizado com qualquer outra experiência psicodélica.

REFERÊNCIAS

Bíblia. (2002). *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, SP: Paulus.

Alves Junior, A. M. (2007). *Tambores para a Rainha da Floresta: a inserção da Umbanda no Santo Daimé*. 271 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), PUCSP, São Paulo, SP..

Bastos, F. I.; Pinkusfeld, M. et al. (2017). *III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

Brandão, J. S. (1987). *Mitologia Grega: Volume III*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Chevalier, J.; Gheerbrant, A. (2001). *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa e Silva et al. 16. ed. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio.

Do Acre, Professores Indígenas. (2000). *Shenipabu Miyui: história dos antigos*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.

Narby, J.; Pizuri, R. C. (2022). *Plantas Mestras: Tabaco e Ayahuasca*. Rio Janeiro, RJ: Dantes Editora.

Jung, C. G. (2012). *Psicologia e religião*. (OC, Vol. 11/1, Pe. Dom M. R. Rocha, trad., D. F. Silva, rev. técnica). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1940).

Jung, C. G. (2013). *Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo*. (OC, Vol. 9/2, Pe. Dom M. R. Rocha, trad., J. Bonaventure, rev. técnica). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1951).

Jung, C. G. (2013). *A natureza da psique*. (OC, Vol. 8/2, Pe. Dom M. R. Rocha, trad., J. Bonaventure, rev. técnica). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1946).

Jung, C. G. (2013). *A vida simbólica: escritos diversos*. (OC, Vol. 18/1, A. Elman e L. M. E. Orth, trad., J. Bonaventure, rev. técnica). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1958).

Jung, C. G. (2013). *Psicogênese das doenças mentais*. (OC, Vol. 3, M. S. Cavalcanti, trad., J. Bonaventure, rev. técnica). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1939).

Jung, C. G. (2013). *Símbolos da transformação*. (OC, Vol. 5, E. Stern, trad., J. Bonaventure, rev. técnica). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1912).

Jung, C. G. (2013). *Tipos psicológicos*. (OC, Vol. 6, L. M. E. Orth, trad., J. Bonaventure, rev. técnica). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1921).

Jung, C. G. (2014). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. (OC, Vol. 9/1, D. M. R. F. Silva e M. L. Appy, trad., J. Bonaventure, rev. técnica). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1954).

Jung, C. G. (2014). *Psicologia do Inconsciente*. (OC, Vol. 7/1, M. L. Appy, trad., J. Bonaventure, rev. técnica). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1917).

Jung, C. G. (2015). *O eu e o inconsciente*. (OC, Vol. 7/1, D. F. Silva, trad., J. Bonaventure, rev. técnica). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).

Labate, B. C.; Araújo, W. S. (2002). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas: Editora Mercado das Letras. São Paulo, SP: FAPESP.

Labate, B. C. (2004). *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas: Editora Mercado das Letras. São Paulo, SP: FAPESP.

Mercante, M. S. (2012). *Imagens de cura: ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FIOCRUZ.

Palhano-Fontes, F. et al. (2019). *Rapid antidepressant effects of the psychedelic ayahuasca in treatment-resistant depression: a randomized placebo-controlled trial*. *Psychological Medicine*. v. 49, 655–663. Recuperado de <https://doi.org/10.1017/S0033291718001356>

Polari, A. (1995). *O livro das mirações*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record.

Santos, R. G.; Moraes, C. C.; Holanda, A. (2006). *Ayahuasca e redução do uso abusivo de psicoativos: eficácia terapêutica? Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 22, p. 363-370.